

AUSTERLITZ ENTRE A PUNIÇÃO E A REPARAÇÃO

Wilson José Flores Jr. (Doutorando)

RESUMO:

Os episódios do romance *Austerlitz* dedicados à infância do protagonista em Bala, pequena cidade no interior do país de Gales, na casa de um pastor calvinista permitem discutir como história social, memória individual, dominação, fracasso, destruição e reparação se articulam em W. G. Sebald definindo a própria forma de suas narrativas. O esforço do autor em procurar recuperar aquilo que o discurso oficial e a prática cotidiana tentavam esconder (os horrores do nazismo, as consequências da guerra, o extermínio humano etc.) expressa-se num conjunto sutil e altamente elaborado de mediações que dão à literatura de Sebald um lugar de reconhecido destaque entre os escritores, digamos, contemporâneos. E essa intrincada elaboração revela afinidades fortes com a perspectiva crítica e materialista de Walter Benjamin, numa aproximação entre literatura e filosofia (em Sebald, a partir da literatura) a que o crítico alemão se dedicou firmemente durante toda a vida.

Palavras-chave: Austerlitz, Sebald, Benjamin, memória, reparação.

No início do discurso de ingresso na Academia Alemã, em 1999, W. G. Sebald afirma ter precisado de *“algún tiempo para percibir y comprender la destrucción presente al comienzo”* de sua vida. Pois, *“en el colegio, las campañas de Alejandro el Grande o Napoleón fueron más importantes que lo que había ocurrido hacía solo quince años. La germanística, en aquellos años, era una ciencia afectada por una ceguera casi premeditada [...]”*. E comenta a seguir, e já se encaminhando para a conclusão, que *“solo cuando en 1965 fui a Suiza y, un año después, a Inglaterra, comenzaron a formarse ideas en mi cabeza, desde la distancia, sobre mi patria y, en los más de treinta años que llevo viviendo en el extranjero, se han complicado en medida creciente”*. Daí que, para ele, *“toda la República Federal tiene para mi algo de peculiarmente irreal, algo así como un déjà vu sin fin”*¹.

O discurso todo é marcado por esse tom de acerto de contas com o passado que, de certa forma, sempre lhe pareceu como algo que lhe foi negado conhecer, uma vez que, premeditadamente, foi “esquecido”, ou melhor, silenciado durante décadas. Por isso, foi só aos 21 anos e à distância, quando foi à Suíça, que se iniciou certa

¹ SEBALD, 2007, p. 222 e 223.

compreensão da Alemanha, enfrentada e desenvolvida ao longo de mais de trinta anos trabalhando e vivendo no estrangeiro².

Como se pode imaginar, nada disso é acaso ou mera oratória. Ao pautar o discurso nesse “acerto de contas”, Sebald sublinha um dos procedimentos sabidamente recorrentes em sua obra: o trabalho apurado, cuidadoso, micrológico com a memória e com os enigmas e fantasmagorias que obliteram parte do passado recente da Alemanha e do mundo (este é o sentido profundo de imagens recorrentes como a do véu, da memória mutilada, da névoa, entre outras). Trabalho que se volta, frequentemente, a recuperar a dignidade de personagens “comuns”, cujos nomes não ficaram inscritos na “história oficial”, de vidas cujos limites, tragédias, frustrações lançam um apelo a que Sebald não ignorou e que trazem em si, como potencial às vezes frágil e delicado, possibilidades diferentes de realização social e humana ou, ao menos, um alerta de que a memória que permanecer obliterada perderá o potencial de aprendizado que carrega, impedindo sua superação e transformando o presente e o futuro numa fantasmagoria (*toda la República Federal tiene para mi algo de peculiarmente irreal*) e um aviso de que a tragédia que permanecer recalçada tenderá a se repetir (*déjà vu sem fim*).

Em Austerlitz, uma série de episódios, representações e procedimentos parecem responder a esse interesse manifesto do autor. Em particular, os momentos que tratam da infância do protagonista em Bala são especialmente sugestivos.

² Sebald discute o mesmo assunto, relacionando-o mais diretamente a sua infância e família, em sua entrevista à jornalista Maya Jaggi: “Wertach was a village of about a thousand inhabitants, in a valley covered in snow for five months a year. It was a silent place. I was brought up largely by my grandfather, because my father only returned from a prisoner-of-war camp in 1947, and worked in the nearest small town, so I hardly ever saw him. I lived in that place until I was about eight. My parents came from working-class, small-peasant, farm-labourer backgrounds, and had made the grade during the fascist years; my father came out of the army as a captain. For most of those years, I didn't know what class we belonged to. Then the German “economic miracle” unfolded, so the family rose again; my father occupied a “proper” place in lower-middle-class society. It was that social stratum where the so-called conspiracy of silence was at its most present. Until I was 16 or 17, I had heard practically nothing about the history that preceded 1945. Only when we were 17 were we confronted with a documentary film of the opening of the Belsen camp. There it was, and we somehow had to get our minds around it - which of course we didn't. It was in the afternoon, with a football match afterwards. So it took years to find out what had happened. In the mid-60s, I could not conceive that these events had happened only a few years back. It preoccupied me all the more when I came to this country [in 1966], because in Manchester, I realised for the first time that these historical events had happened to real people. [One character in *The Emigrants* (1993) was based partly on Sebald's Mancunian landlord, a Jewish refugee.] You could grow up in Germany in the postwar years without ever meeting a Jewish person. There were small communities in Frankfurt or Berlin, but in a provincial town in south Germany Jewish people didn't exist. The subsequent realisation was that they had been in all those places, as doctors, cinema ushers, owners of garages, but they had disappeared - or had been disappeared. So it was a process of successive phases of realisation” (JAGGI, 2001).

A INFÂNCIA EM BALA E SUAS CONTRADIÇÕES

*Às vezes, era como se, de dentro de um sonho, eu tentasse compreender a realidade*³.

Austerlitz, como o leitor ficará sabendo ao longo da narrativa (e mais especificamente próximo ao seu final), nasceu em Praga e, aos quatro anos, foi enviado por sua mãe, Agáta, e por sua madrinha, Vera (seu pai havia conseguido fugir para Paris pouco antes), à Inglaterra num dos poucos comboios que partiam da Estação Wilson naquele tempo, apenas com *un petit sac à dos avec quelques viatiques*⁴, numa tentativa de salvá-lo da perseguição e do horror nazistas. O menino cresceu num vilarejo do País de Gales, sob os cuidados de um pastor calvinista e de sua esposa:

Eu cresci, começou Austerlitz [...], em Bala, um vilarejo de província no País de Gales, na casa de um pastor calvinista e antigo missionário chamado Emyr Elias, casado com uma mulher tímida de família inglesa. Sempre me foi impossível voltar o pensamento para aquela casa infeliz, que ficava *isolada* sobre uma colina na *margem externa* do vilarejo e que era *grande demais para duas pessoas e uma criança*. No andar de cima havia vários quartos *mantidos trancados* entra ano, sai ano. Ainda hoje sonho às vezes que uma das *portas fechadas* se abre e eu atravesso a soleira rumo a um mundo mais amistoso, menos estranho. Mesmo alguns quartos não trancados se achavam *fora de uso*. Parcamente mobiliados com uma cama ou uma cômoda, as cortinas cerradas mesmo durante o dia, eles dormitavam em uma *penumbra* que logo extinguiu em mim toda a autoconsciência. [...] Só recentemente me veio à memória como me *oprimia* [...] o fato de nunca ter sido aberta uma única janela [...]. [...] só uns dias atrás me veio à lembrança que uma das janelas do meu quarto tinha sido *murada por dentro*, enquanto *por fora permanecia inalterada*, uma circunstância da qual só fui me dar conta, já que nunca se está dentro e fora de casa ao mesmo tempo, com treze ou catorze anos, embora ela deva ter me perturbado durante toda a minha infância em Bala. Eu sempre senti frio na casa do pregador [...]. E, assim como na casa em Bala *reinava o frio*, nela reinava também o *silêncio*⁵.

Mais adiante, ao comentar a piora contínua da saúde da esposa de Elias, Gwendolyn, Austerlitz lembra-se de uma das poucas e rápidas conversas entre os cônjuges:

Elias lhe trouxera uma xícara de chá açucarado, mas ela apenas umedeceu os lábios nele. Então ela disse, tão baixo que quase não se podia ouvi-la: *What was it that so darkened our world?* E Elias lhe respondeu: *I don't know, dear, I don't know*⁶.

³ SEBALD, 2007, p. 58.

⁴ SEBALD, 2007, p.172.

⁵ SEBALD, 2007, p. 48 e 49. Grifos meus.

⁶ SEBALD, 2007, p. 67.

Algumas afinidades saltam à vista: uma casa isolada, grande demais para duas pessoas e uma criança, com vários cômodos mantidos trancados, outros, fora de uso, cortinas sempre fechadas, encerrava a todos numa penumbra que Austerlitz diz ter extinto toda a sua autoconsciência, tornando-o cada vez mais alheio a seu passado, à semelhança do que ocorre em “Casa tomada”, em que a memória, o passado, a tradição encontram-se reduzidos a uma espécie de ruína fantasmagórica, que oprime os irmãos, mantém-nos na casa irrefletidamente e não articula propriamente nenhum sentido para suas vidas. Além disso, a extinção da autoconsciência faz lembrar o aprendizado de “viver sem pensar” ocorrido após a primeira tomada da casa. As ilusões, os fundos falsos, as falsas aparências, a inconsciência, em uma palavra, a alienação surge na figura da janela do quarto de Austerlitz, murada por dentro, existindo apenas como fachada; uma estranha, angustiante e claustrofóbica verdade para além da aparência de normalidade da casa, a sufocar a memória e a subjetividade do menino.

Daí Austerlitz angustiar-se com a narrativa bíblica da história de Moisés (posto por sua mãe num cesto que deixou à beira da água para salvá-lo), bem como a identificação que sentia com o êxodo do povo de Israel, especialmente durante a peregrinação no deserto⁷, associado por ele à casa de Elias:

O que quer que se passasse então dentro de mim, o acampamento dos hebreus naquele deserto montanhoso me era mais próximo do que a vida em Bala, que se tornava para mim cada dia mais incompreensível. [...] na casa do pregador em Bala não havia nem aparelho de rádio nem jornal. [...] Eu era incapaz de imaginar um mundo além do País de Gales.⁸

Mortalmente presos ao cotidiano, fechados em si e na repetição de suas rotinas e ideias, os Elias habitavam um ambiente inóspito, frio e silencioso. Aliás, o próprio pastor condensa várias dessas associações. A começar por seu nome que traz em si a contradição: o primeiro nome é uma versão galesa do original árabe (Emir) e significa *lord, king*; enquanto o sobrenome vem do hebraico, Elijah (um dos maiores profetas bíblicos, que teria sido arrebatado aos céus por uma carruagem de fogo) e significa *the Lord is my God*. Ou seja, tanto na origem (árabe/hebraico), quanto no significado (*lord X the Lord is my God*), estamos diante de contradições e conflitos que caracterizam o

⁷ Se no caso de Austerlitz, é evidente a associação entre peregrinar pelo deserto e sua condição (judeu exilado de sua família e de sua vida), vale deixar registrado que, em todas as narrativas de Sebald, algum personagem (geralmente o protagonista), em sua condição deslocada, desenraizada, errante, diz sentir-se como um peregrino no deserto.

⁸ SEBALD, 2007, p. 59.

comportamento do pastor, altamente angustiado, mortificando-se a cada semana ao preparar o sermão dominical, cujos assuntos giravam em torno do que Austerlitz chama de “espécie de mitologia da punição com base no Velho Testamento”⁹.

Frieza, silêncio, punição, condenação, maldição, confinamento, mortificação, isolamento, aprisionamento, tanto físico quanto subjetivo, são as qualidades que caracterizam a casa de Elias e suas personagens na visão de Austerlitz. Um ambiente dominado pela penumbra, pela obscuridade, pela repetição, pela falta de sentido a representar de maneira ainda mais ruinosa que em “Casa tomada” a *morte da experiência, a cotidianidade*.

A “MITOLOGIA DA PUNIÇÃO” DE ELIAS X A METAFÍSICA DA REPARAÇÃO DE EVANS

*[...] uma penumbra que logo extinguiu em mim toda a autoconsciência*¹⁰.

[...] De noite, antes de ir para cama no meu quarto gelado, eu sentia muitas vezes como se também tivesse afundado na água escura, como eu precisasse, tal como as pobres almas de Vyrnwy, manter os olhos esbugalhados para avistar lá no alto um débil lampejo e o reflexo, fraturado pela ondas, da torre de pedra que se ergue isolada de maneira tão assustadora na margem coberta de bosques. Às vezes eu chegava mesmo a imaginar ter visto um ou outro personagem das fotografias do álbum andando pela rua [...]. Elias me proibiu de falar tais coisas. Assim, eu passava cada momento livre com Evan, o sapateiro, cuja oficina ficava perto da casa do pregador e que tinha fama de ver fantasmas. [...] Ao contrário de Elias, que sempre relacionava doença e morte com provação, castigo justo e culpa, Evan contava histórias de mortos fulminados pelo destino de forma extemporânea, que sabiam ter sido fraudados da parte que lhes cabia e tentavam regressar à vida. Quem tivesse olho para eles, disse Evan, podia vê-los com frequência. À primeira vista eles pareciam pessoas normais, mas olhando mais de perto, os seus rostos borravam ou tremeluziam um pouco no contorno. Em geral eles eram também um palmo mais baixo do que tinham sido em vida [...]. Os mortos quase sempre andavam sozinhos, mas às vezes vagueavam em pequenos esquadrões [...]. Evan contou que uma vez o seu avô teve de dar um passo de lado na estrada de Frongastell a Pysau para deixar passar um desses cortejos de fantasmas que o alcançara e que consistia em seres propriamente nanicos. [...] foi com certeza Evan, disse Austerlitz, que me disse certa vez ser um véu como esse, nada mais, que nos separa do outro mundo. De fato, durante todos os anos que passei na casa do pregador em Bala, jamais me liberei da sensação de que algo bastante óbvio, manifesto em si mesmo, me era ocultado. Às vezes era como se de dentro de um sonho, eu tentasse compreender a realidade; outras vezes eu imaginava que um gêmeo invisível andava do meu lado, por assim dizer o inverso de uma sombra.¹¹

⁹ SEBALD, 2007, p.54.

¹⁰ SEBALD, 2007, p. 48.

¹¹ SEBALD, 2008a, p. 55 a 58.

Austerlitz se identifica com os habitantes de Vyrnwy, cuja vila foi totalmente submersa pelas águas¹². Sentia-se igualmente “afundado pelas águas escuras” que, em seu caso, parece referir-se ao sufocamento claustrofóbico da vida em Bala e ao fato de era um naufrago de sua vida e de sua memória. O menino nascido em Praga vivia a única vida que conseguia reconhecer como a sua, embora sentisse que, para além das “águas escuras”, outra vida lhe acenava (mas ele ainda estava muito longe de conseguir enfrentar os “assaltos” da memória). Chegava a imaginar ter visto algum habitante da antiga aldeia andando pela rua (outra imagem bastante comum em Sebald). Elias, claro, coerente com sua condição de pastor calvinista, proíbe o menino de falar sobre tais coisas.

Para o pastor, tudo na vida se relacionava com “doença e morte, com provação, castigo justo e culpa”. De seu ponto de vista, o “castigo” aparece como algo merecido, como resultado dos “pecados” dos homens, de sua fraqueza frente às tentações e de sua incapacidade de responder ao chamado e ao amor de Deus. Por isso, todos estão fadados a sofrer, adoecer e morrer. O prisma que refrata esse ponto de vista revela um claro conformismo conservador e alienante, identificado profundamente com a visão do “vencedor”: o derrotado merece a derrota.

Evans, ao contrário, “contava histórias de mortos fulminados pelo destino de forma extemporânea, que sabiam ter sido fraudados da parte que lhes cabia e tentavam regressar à vida”. Natural que o menino que fora fulminado pelo destino se identificasse com Evans. Não havia culpa a ser redimida em seu sofrimento; havia apenas a imposição da barbárie, a absurda violência da guerra e do nazismo, assim como ocorreu, ocorria e ocorre com os “derrotados” da história (que são representados como “seres propriamente nanicos”), pelo menos enquanto o “inimigo não cessar de vencer”, para usar uma conhecida expressão de Walter Benjamin. E é por isso que “quem tivesse olho para eles” “podia vê-los com frequência”, pois estavam o tempo todo por aí a reclamar seus direitos, a pedir restauração por suas perdas injustificáveis. Aliás, note-se que a expressão “ter olhos para eles” pode ser vista como uma alegoria do desafio a ser enfrentado pelo historiador materialista, nos termos em que Walter Benjamin o formula, como será discutido a seguir.

¹² Outra imagem recorrente: águas, tumulto de águas, viagens nas águas, cidades nas águas etc. Aparecem em todos os quatro livros, mas com especial recorrência em **Vertigem**, na maioria das vezes, associadas à angústia e ao sufocamento da subjetividade.

O trecho termina com uma referência de Austerlitz à sensação de que “um gêmeo invisível” andava ao seu lado, “por assim dizer o inverso de uma sombra”. Estamos aqui claramente diante da imagem do duplo, outro tema muito presente nos livros de Sebald. Nesse caso, o duplo surge, principalmente, como representação daquilo que se mantinha oculto em Austerlitz, em sua memória, de modo a cindi-lo e a apartá-lo de si mesmo¹³.

HISTÓRIA E REPARAÇÃO EM SEBALD E BENJAMIN

Walter Benjamin, em vários momentos de sua produção, menciona a necessidade de o historiador materialista estar atento aos apelos lançados pelo passado em direção ao presente, que possui um compromisso irrevogável com as gerações anteriores que foram derrotadas, com a memória de suas realizações e de seus fracassos, com os projetos de emancipação abortados, com as inúmeras e, às vezes, minúsculas possibilidades de revolução que se perderam.

Benjamin queria que o historiador partisse de seu condicionamento presente para investigar o passado. Mas queria ainda mais: que a matéria do passado jamais passasse por “neutra”. [...] Todo passado está carregado de possibilidades de futuro que se perderam e que teriam (ou têm?) para nós uma significação decisiva: Benjamin sublinhava a importância desse “futuro do pretérito”. [...] A grande dificuldade, para o historiador, está em farejar os sonhos, as aspirações, os movimentos subjetivos voltados para o porvir que não chegaram a se expressar em realidades objetivas duradouras, embora estivessem prenhes de significação histórica.¹⁴

O apelo lançado pelo passado atinge o presente de duas formas principais: a primeira refere-se à necessidade de rememorá-lo (*Eingedenken*), de resgatá-lo do esquecimento; a segunda, à necessidade de estar sempre atento às possibilidades de *reparação (restitutio)* “da mesma tragédia”, contra a qual estão todas as probabilidades, todas as forças do poder, da dominação e da barbárie, visando à *redenção (Erlösung)*,

¹³ Vale notar que é comum a associação do duplo e do autômato, às vezes com um conduzindo ao outro ou sendo momento do outro. Talvez o exemplo literário mais conhecido seja o do conto “O homem de areia”, de E. T. A. Hoffmann, mas o duplo é um tema bastante constante no Romantismo, sem contar sua presença na psicanálise, em que Freud o discute para compreender o que considera ser a cisão constitutiva do psiquismo humano. Em outro livro de Sebald, **Os anéis de Saturno**, por exemplo, no episódio da visita a Michael Hamburger, o duplo aparece como representação da imensa afinidade existente entre o narrador e o amigo.

¹⁴ KONDER, 1988, P. 55 e 56. A ideia de “farejar os sonhos, as aspirações, os movimentos subjetivos”, assim como as frustrações, derrotas, limites possui afinidades importantes com o estilo de W. G. Sebald.

ou seja, à sociedade revolucionada, à humanidade reconciliada consigo mesma, senhora de seu passado e sujeito de seu presente e de seu futuro.

Procurando reconstruir o caminho que Benjamin percorreu para elaborar as ideias e princípios que estão condensados em “Sobre o conceito de história”, Michel Löwy comenta:

Na introdução de sua tese de doutorado, *Conceito de crítica de arte no Romantismo alemão* (1919), ele insiste na ideia de que a essência histórica do Romantismo ‘deve ser buscada no messianismo romântico’. Ele descobre essa dimensão sobretudo nos escritos de Schlegel e de Novalis e cita, entre outras, esta passagem surpreendente do jovem Friedrich Schlegel: ‘O desejo revolucionário de realizar o Reino de Deus é... o começo da história moderna’. Aqui se encontra a questão ‘metafísica’ da temporalidade histórica: Benjamin opõe a concepção qualitativa do tempo infinito, ‘que decorre do messianismo romântico’ e de acordo com a qual a vida da humanidade é um processo de realização e não simplesmente de devir, ao tempo infinitamente vazio, característico da ideologia moderna do progresso.¹⁵

Mais adiante, no mesmo livro, ao comentar a Tese II, Löwy faz menção a alguns fragmentos de *Mikrokosmos*, obra do filósofo alemão Hermann Lotze, citados por Benjamin em **Passagens**: “não há progresso se as almas que sofrem não têm direito à felicidade e à realização”, e mais, “é preciso que o progresso se realize também para as gerações passadas”¹⁶. Daí Benjamin atribuir “uma qualidade teológica redentora à rememoração, a seu ver, capaz de ‘tornar inacabado’ o sofrimento aparentemente definitivo das vítimas do passado”. Mas a rememoração, embora fundamental, não é suficiente na visão do crítico alemão. É preciso ainda outro passo para que a redenção finalmente se realize: a “reparação do sofrimento, da desolação das gerações vencidas, e a realização dos objetivos pelos quais lutaram e não conseguiram alcançar”¹⁷.

Para exemplificar esse ponto de vista, Löwy menciona a visão de Benjamin sobre “os derrotados em junho de 1848” (presença recorrente nos fragmentos reunidos em **Passagens**) o quais “esperam de nós não só a rememoração de seu sofrimento, mas também a reparação das injustiças passadas e a realização da utopia social. Um pacto secreto nos liga a eles e não nos desembaraça facilmente de sua exigência, se quisermos nos manter fiéis ao materialismo histórico, ou seja, a uma visão da história como luta permanente entre os oprimidos e os opressores”¹⁸.

¹⁵ LÖWY, 2005, p.21. Os grifos são do autor; o sublinhado, meu.

¹⁶ LÖWY, 2005, p.49.

¹⁷ LÖWY, 2005, p.51.

¹⁸ LÖWY, 2005, p.51.

No entanto, a redenção não está de forma alguma garantida, “ela é apenas uma possibilidade muito pequena que é preciso saber agarrar”¹⁹ e seu único sujeito é própria humanidade. A teologia é parte constitutiva da compreensão da história em Benjamin, é ferramenta indispensável ao historiador materialista²⁰, mas Deus está ausente; claro, não se trata de misticismo nem de religiosidade, mas do esforço crítico e filosófico de compreender, com todas as ferramentas possíveis, onde repousam as poucas esperanças humanas de superar “o amontoado de escombros” que se acumulou ao longo da história como resultado da opressão e da vitória, até aqui incessante, do “inimigo”.

A afinidade com a sutil e altamente elaborada forma do romance de Sebald salta aos olhos. Nas narrativas de Sebald, o passado aparece carregado de fantasmagorias (quando não de fantasmas ou de impressões de fantasmas propriamente ditos), de convivências entre gerações e temporalidades de forma a configurar a representação da história não como fluxo linear e ininterrupto, não como a *marcha do progresso*, mas como momentos carregados de significados que se sobrepõem, como convivência de diversos *agoras* (para falar com Benjamin).

É possível mesmo sugerir que a imagem da história em Sebald aproxima-se do círculo, no caso, entendido como a recorrência da dominação e da violência a exigir reparação e superação, e não na chave do “eterno retorno”, e da simultaneidade (utilizando uma analogia musical, é como se a cada compasso uma determinada harmonia se configurasse, sendo as notas que a compõem os diferentes *agoras* sobrepostos), ao invés da famigerada seta que apontaria inexoravelmente para um futuro “melhor” (e sabe-se lá o que “melhor” significaria aí).

ABSTRACT:

The excerpts of *Austerlitz* dedicated to the protagonist's childhood in Bala, a small town in the countryside of Wales, allow to discuss the ways in which social history, individual memory, domination, failure, destruction and reparation are incorporated by W. G. Sebald's literature, defining the structure of his narratives. The author's efforts in seeking to recover what the official discourse and practice everyday

¹⁹ LÖWY, 2005, p. 52.

²⁰ É bastante conhecida a alegoria com que, na Tese I de “Sobre o conceito de história”, Benjamin relaciona o materialismo e a teologia. A tese retoma uma imagem (possivelmente inspirada num conto de Edgar Allan Poe, reunido por Baudelaire em *Histoires grotesques et sérieuses*, chamado “Le jouer d'échecs de Maelzel” – Ref. LÖWY, 2005, p.42): um autômato jogador de xadrez que vencida todos os adversários. Era um boneco em trajes turcos e com um narguilé à boca. Escondido sobre a mesa, um anão corcunda, mestre do xadrez, conduzia o boneco. “Pode-se imaginar na filosofia uma contrapartida dessa aparelhagem. O boneco chamado ‘materialismo histórico’ deve ganhar sempre. Ele pode medir-se, sem mais, com qualquer adversário, desde que tome a seu serviço a teologia, que, hoje, sabidamente, é pequena e feia e que, de toda maneira, não deve se deixar ver” (LÖWY, 2005, p.41).

trying to hide (the horrors of Nazism, the consequences of war, human extermination etc.) are expressed in a highly developed set of mediations which give the literature of Sebald a recognized place of prominence among contemporary writers. And this intricate drawing shows strong affinities with the critical and materialist perspective of Walter Benjamin, in a rapprochement between literature and philosophy (on Sebald, since the literature), that the German critic devoted himself steadily throughout life.

Key words: Austerlitz, Sebald, Benjamin, memory, *restitutio*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, W. **Documentos de cultura, documentos de barbárie**. São Paulo: Cultrix: Edusp, 1986.

_____. **Obras escolhidas I**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. **Obras escolhidas III**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

JAGGI, M. The last word: Sebald's last interview. <<http://www.guardian.co.uk/education/2001/dec/21/artsandhumanities.highereducation>>

KONDER, L. **Walter Benjamin: o marxismo da melancolia**. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

LÖWY, M. **Walter Benjamin: aviso de incêndio**. São Paulo: Boitempo, 2009.

SEBALD, W. G. **Austerlitz**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008a.

_____. **Campo santo**. Barcelona: Editorial Anagrama, 2007.

_____. **Os anéis de Saturno**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. **Os emigrantes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. **Vertigem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008b.